

O luxo de não fazer nada

Porque estamos tão obcecados em aproveitar tudo e todos durante as férias?

Há uma frase que se repete em quase todas as viagens, dita normalmente por alguém que acaba de descer de um autocarro com ar condicionado excessivo, mapa dobrado no bolso e uma lista mental ainda por cumprir: "Temos de aproveitar, já só faltam dois dias." A frase parece inofensiva, mas esconde uma ideia perigosa: a de que o descanso é uma tarefa, e que férias mal geridas são férias desperdiçadas.

Não se sabe bem quando é que isto começou. Talvez com os itinerários que prometem "o melhor de Lisboa em 48 horas", talvez com a pressão silenciosa das redes sociais, onde cada viagem parece exigir prova fotográfica de produtividade turística. O resultado é sempre parecido: pessoas que voltam de férias mais cansadas do que quando partiram, com os pés inchados e uma colecção de

fotografias que já nem recordam bem onde foram tiradas.

Há, no entanto, outra forma de viajar, mais antiga e mais simples, que consiste em não fazer rigorosamente nada. Sentar, deixar o café arrefecer devagar, ver a luz mudar sobre um telhado, sobre um penhasco, sobre um pátio, sem pressa de ir a lado nenhum. Esta forma de viajar não produz fotografias espectaculares nem histórias para contar no regresso ao trabalho, mas produz algo mais raro: a sensação de se ter parado verdadeiramente.

Conheço quem tenha passado uma manhã inteira a ziguezaguear pelo Príncipe Real sem outro plano que não fosse ver Lisboa acordar devagar. Ninguém lhe perguntou nada de especial durante essas horas. Não houve roteiro, não houve reserva para almoço, não houve sequer vontade de sair do bairro. Apenas a luz de Outono sobre os telhados, o som distante da cidade a começar e a certeza tranquila de que, naquele momento, Lisboa estava, inteira, ali. E não era preciso fazer mais nada.

É preciso explicar isto às pessoas antes de partirem: uma manhã bem passada numa varanda pode valer mais do que cinco monumentos vistos a correr.

Um monumento visto com pressa entra e sai da memória quase sem deixar marca, mais um carimbo mental, mais uma fotografia semelhante a milhares de outras tiradas no mesmo ângulo por milhares de outras pessoas. Uma manhã parada, pelo contrário, fica. Fica o som específico daquele lugar, a temperatura exacta do ar àquela hora, a sensação de o tempo não estar a ser gasto, mas vivido.

Isto não é um argumento contra visitar coisas. É um argumento contra a ideia de que visitar coisas é a única forma legítima de aproveitar uma viagem. Há quem precise de percorrer uma cidade de ponta a ponta para se sentir satisfeito, e está certíssimo em fazê-lo. Mas há também quem regresse de férias sem ter visto praticamente nada digno de nota num guia turístico, e ainda assim sinta que essas foram as melhores férias da sua vida. Porque, por uma vez, se permitiu estar em vez de correr.

A diferença entre viajar para ver tudo e viajar para estar não se mede em quilómetros nem em bilhetes de entrada. Mede-se numa pergunta simples que raramente nos fazemos: o que é que eu realmente quero sentir quando estiver ali? Se a resposta for repouso, silêncio, tempo para pensar, então talvez a melhor actividade de férias seja, precisamente, não ter actividade nenhuma.

Da próxima vez que planear uma viagem, talvez valha a pena deixar um dia completamente vazio na agenda. Sem museu marcado, sem restaurante reservado, sem itinerário a cumprir. Apenas uma varanda, uma cadeira confortável, e a decisão deliberada de não fazer absolutamente nada. É provável que seja o dia de que mais se recorde.

Gonçalo Câmara
Colunista memmo Journal